



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

RUANA CAROLINA CABRAL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS FABACEAE:
ANÁLISE DOS RELATOS BOTÂNICO-HISTÓRICOS A PARTIR
DA OBRA *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE* (1648)**

CUITÉ - PB

2017

RUANA CAROLINA CABRAL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS FABACEAE:
ANÁLISE DOS RELATOS BOTÂNICO-HISTÓRICOS A PARTIR DA OBRA
*HISTORIA NATURALIS BRASILIAE (1648)***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Biologia e Química (UABQ) do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cuité, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros

CUITÉ – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes - CRB 15 - 256

S586c Silva, Ruana Carolina Cabral da.

Contribuição ao estudo das Fabaceae: análise dos relatos botânico-históricos a partir da obra *Historia Naturalis Brasiliae* (1648). / Ruana Carolina Cabral da Silva. - Cuité: CES, 2017.

54 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

Orientadora: Dr^a. Maria Franco Trindade Medeiros.

1. Etnobotânica histórica. 2. Flora brasileira. 3. Plantas úteis. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 633.88

RUANA CAROLINA CABRAL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS FABACEAE:
ANÁLISE DOS RELATOS BOTÂNICO-HISTÓRICOS A PARTIR DA OBRA
*HISTORIA NATURALIS BRASILIAE (1648)***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Biologia e Química (UABQ) do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cuité, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Franco Trindade Medeiros
(Orientadora – CES/UFCG)

Prof.^a Msc. Caroline Zabendzala Linheira
(Membro Titular - CES/UFCG)

Prof. Dr. Carlos Alberto Garcia Santos
(Membro Titular - CES/UFCG)

*Aos meus pais e todos aqueles que
participaram direta e indiretamente dessa
conquista.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Rita de Cássia Cabral que foi essencial nesta conquista e se não fosse literalmente por ela todo este percurso de graduação não seria possível, minha base e fortaleza, me apoia, esteve e está ao meu lado em tudo e em todas as minhas escolhas. Agradeço também ao meu pai José Tavares da Silva pelo apoio estando comigo também durante toda minha caminhada. A minha vó Rita Fernandes Cabral que é minha inspiração e é também a fortaleza familiar, as minhas tias Sânia Maria, Silvânia Cabral, Solange Cabral e Suerda Fernandes, as minhas primas Ana Clécia, Emily Cabral, Macelly Beatriz, Sázila Cândida e Saavêdra Shêyla pela amizade e carinho, e aos demais familiares, sou imensamente grata a todos.

A minha orientadora professora Maria Franco Trindade Medeiros, palavras não bastam para expressar o quanto sou grata por ter tido a oportunidade de ter sido sua orientanda e principalmente por ter conhecido a pessoa és. Agradeço por ter acreditado em mim e ter me dado à honra de trabalhar contigo, grande parte do que conquistei durante meu percurso de graduação foi graças às oportunidades que a senhora me deu. Aprendi e aprendo muito contigo, seus ensinamentos e convivência foram de suma importância durante toda minha jornada acadêmica, agradeço imensamente.

Aos meus amigos que também foram essenciais, me apoiando, me escutando e acima de tudo estando comigo em todas as horas. A começar por minha melhor amiga Letícia Macedo, que está sempre ao meu lado, agradeço pelos momentos compartilhados, e principalmente por ter suportado a distância de termos seguidos caminhos distintos, sou eternamente grata por sua amizade.

Ao meu grande amigo Dioginy César que deixa minha vida mais alegre todos os dias, agradeço por estar ao meu lado sempre, por me entender, escutar, e por simplesmente fazer parte da minha vida.

Agradeço também as minhas amigas Maisa Lucena e Rosilene Souza pela convivência, apoio, carinho e amizade, sendo minha segunda família, sabiam que vocês foram essenciais nesta conquista.

Ao meu querido grupo “sexteto” José Jailson, Ariane Dantas, Luan Medeiros, Fernanda Souza e Vinnícius Duarte por todos os momentos compartilhados, as risadas, construções de trabalhos, seminários, vocês foram mais que essenciais durante meu percurso na graduação, mais que diploma, ganhei a amizade de vocês.

As minhas amigas também de curso, Amanda Dias que foi a primeira pessoa que conheci ao adentrar na graduação e está desde o primeiro dia de curso comigo, agradeço pelo apoio e pela amizade. A Luana Magalhães que sempre está disposta a me ouvir, me aconselhar, sou grata pelo carinho e amizade. A Kelly Moreira, pelo carinho e amizade construída. Sou grata também a toda turma Ciências Biológicas 2013.1 vocês serão inesquecíveis e já são parte da minha história. Agradeço igualmente a minha supervisora e amiga Angélica Sousa.

Ao meu amigo de anos Carlos Medeiros que vivenciou comigo toda trajetória estudantil desde antes da graduação como também diversos momentos de alegrias e muitas risadas, em igual agradeço a sua irmã Karla Samantha por estar disposta a ajudar sempre que preciso, pelo apoio, carinho e amizade. Aos agregados e amigos da turma Flávia Beatriz, Taisa Alves e Guilherme Santos, sou grata por ter conhecido pessoas como vocês. Agradeço também a Gisliane Kallyne, Raphael Pontes, Phyrmino Junior e Thatiany Maurício pelos momentos de alegrias compartilhados e pela energia boa que vocês me transmitem.

Agradeço aos membros da banca, professora Caroline Zabendzala, professor Carlos Alberto e professora Kiriak Nurit por terem aceitado participar da minha banca e por fazerem parte deste momento de troca de conhecimento e experiência científica e pessoal.

Sou imensamente grata a todos os meus professores que também são parte desta conquista, agradeço pelos ensinamentos e convívio diário, bem como, a toda equipe da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité, pela infraestrutura e anos de convivência, cresci não só cientificamente, mas como pessoa durante esses quatro anos de curso.

GRATIDÃO!

*“A mente que se abre a uma nova ideia jamais
volta ao seu tamanho original”*

Albert Einstein

RESUMO

Historia Naturalis Brasiliae, obra de referência para as Ciências Naturais do Brasil, contém informações de espécies observadas por naturalistas do século XVII, incluindo as Fabaceae. Na composição da flora brasileira, a família Fabaceae merece destaque por sua riqueza de espécies e interesse econômico. Objetivou-se resgatar informações acerca das Fabaceae presentes no registro *Historia Naturalis Brasiliae* dos naturalistas Piso e Marcgrave, 1648, a fim de identificar recursos potenciais da flora brasileira, bem como identificar as semelhanças e diferenças no conhecimento e uso deste elenco de espécies nos dias atuais. Para tanto realizou-se a leitura e análise de dados documentais na fonte original, e na revisão desta obra realizada por Pickel, em 2008, intitulada *Flora do Nordeste do Brasil*. Organizou-se as informações em banco de dados e realizou-se uma análise qualiquantitativa dos itens. Obteve-se um total de 49 espécies de Fabaceae. Dentre estas, 33 espécies e dois gêneros apresentaram relato de uso passado e distribuíram-se em quatro categorias de uso, entre as quais a medicinal se destacou (69,23% das citações). Nesta categoria, considerando os sintomas e doenças citados na obra, “feridas” foi a condição mais reportada pelos naturalistas (12,1% das citações). Das plantas com relato de uso medicinal, 17 espécies e um gênero não apresentaram registros contemporâneos. Um elenco de 31 espécies apresentou dados de ocorrência. As análises apresentadas nesta pesquisa contribuem para ampliação do conhecimento sobre as Fabaceae, e para o resgate e conhecimento sobre plantas de séculos passados, enriquecendo os estudos na área da botânica, em especial, da Etnobotânica histórica.

Palavras-chaves: Flora brasileira. Etnobotânica histórica. Plantas úteis.

ABSTRACT

Historia Naturalis Brasiliae, reference work for the natural sciences of Brazil, contains information of species observed by naturalists from the 17th century, including the Fabaceae. In the composition of Brazilian flora, the pea family, Fabaceae, is noteworthy for its wealth of species and economic interest. The aim of this research was to rescue the Fabaceae information present in the registry *Historia Naturalis Brasiliae* of naturalists Piso and Marcgrave, 1648, in order to identify potential resources of Brazilian flora, as well as identify the similarities and differences in the knowledge and use of this group of species nowadays. For that it was made an analysis of the documentary data on the original source, and in its review performed by Pickel, in 2008, entitled Flora of northeastern Brazil. The information collected was organized in database and a qualitative and quantitative analysis of the items were made. It was obtained a total of 51 resources of Fabaceae. Among these, 33 species and two genera presented report of past use and were distributed into four categories, which medicinal stood out (69.23% of citations). In this category, considering the symptoms and diseases cited in the work, "wounds" was the most reported by naturalists (12.1% of citations). Of plants with account of medicinal use, 17 species and one genre showed no contemporary records. A group of 31 species had occurrence data. The analyses presented in this research contribute to expanding the knowledge of the Fabaceae, and to the rescue and knowledge about plants of past centuries, enriching the studies in Botany, in particular, of historical Ethnobotany.

Keywords: Brazilian flora. Historical ethnobotany. Useful plants.

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1. Listagem das espécies de Fabaceae citadas na obra <i>Histpria Naturalis do Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648), incluindo informações de nome popular, hábito da planta e registro dos naturalistas na obra descrevendo a sua utilidade e parte da planta usada e o que se tem em trabalhos atuais sobre a utilidade das espécies.....	24
Tabela 2. Espécies de Fabaceae que apresentaram indicação de ocorrência geográfica mais detalhada na obra <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648).....	46

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. Representatividade em termos percentuais das categorias de utilização de espécies da família Fabaceae mencionadas na obra <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARGRAVE, 1648).....	40
Figura 2. Percentual do número de citações por indicação terapêutica das espécies medicinais de Fabaceae citadas na obra <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648).....	41
Figura 3. Percentual de doenças citadas como sendo tratadas pelas plantas medicinais referenciadas na <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648) por categoria de doença do sistema de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996).....	44
Figura 4. Percentual de espécie de plantas medicinais referenciadas na <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648) por categoria de doenças, do sistema de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996).....	45
Figura 5. Espécies de Fabaceae citadas na obra <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (PISO; MARCGRAVE, 1648) que apresentaram indicação de ocorrência geográfica.....	46

LISTA DE SIGLAS

CID 10 - Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 Geral	14
2.2 Específicos	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 Diversidade e importância das espécies de Fabaceae	15
3.2 Etnobotânica e Etnobotânica/histórica	17
3.3 Sobre a fonte primária – <i>Historia Naturalis Brasiliae</i>	19
4 METODOLOGIA	21
4.1 Leitura e interpretação dos registros nas fontes primária e secundárias	21
4.2 Sistematização das informações	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países considerados megadiversos e suas riquezas despertam interesse desde a época das navegações. No século XVII, durante o chamado Brasil-Holandês foi elaborada uma das obras de referência para a história natural brasileira, a *Historia Naturalis Brasiliae*, trabalho originado das mãos dos naturalistas Piso e Marcgrave (KURY; SÁ, 2009).

Muito embora o objetivo central das empreitadas relacionadas ao descobrimento da natureza do Brasil fosse a descrição dos seus recursos naturais com potencial econômico, os documentos produzidos ao longo da história constituem um acervo inestimável sobre os mais variados aspectos da relação que se estabelece entre as sociedades humanas e a natureza, especialmente as plantas, no passado (MEDEIROS, 2009). Na atualidade, o estudo de documentação histórica tem revelado, por exemplo, evidências sobre o uso passado de plantas medicinais (BRANDÃO et al., 2012; GIORGETTI et al., 2011; MEDEIROS; ANDREATA; SENNA-VALLE, 2010). Estas pesquisas demonstram a relevância da investigação do conhecimento sobre a flora por sociedades passadas que se perpetuaram ou que se perderam ao longo do tempo em virtude de condições como a forma de transmissão desse conhecimento, aspectos sociais, econômicos e culturais que certamente condicionaram e condicionam o uso/desuso de elementos da natureza.

Dentre as espécies botânicas que ocorrem no território brasileiro, uma família botânica que merece destaque por sua riqueza de espécies e pelo interesse econômico que vem despertando ao longo do tempo e que se confirma na dinâmica de vida das pessoas em diferentes escalas e na produção científica botânica é a Fabaceae. Este grupo botânico inclui cerca de 19.000 espécies englobadas em 650 gêneros de distribuição cosmopolita, constituindo-se, portanto, numa das maiores famílias de Angiospermas e numa das mais expressivas em termos de importância econômica (SOUZA; LORENZI, 2008). Fabaceae foi encontrando inserção na cultura humana através da sua utilização na medicina, como alimento, forrageira, adubo, ornamental, madeireira e cercas-vivas (SOUZA; LORENZI, 2008). No Brasil, estima-se a ocorrência de 2.822 espécies e 222 gêneros, representando a maior família em número de espécies e sua grande importância para os ecossistemas brasileiros. A ocorrência das Fabaceae nos ecossistemas naturais brasileiros inclui a Amazônia, o Cerrado, Pampa, Pantanal, a Mata Atlântica e Caatinga, estando entre as famílias de maior diversidade e riqueza na composição florística destas fitofisionomias (Fabaceae in Flora do Brasil 2020 em construção, 2017).

Diante do exposto e na tentativa de gerar informações que irão contribuir para o melhor conhecimento de espécies da família Fabaceae, a presente pesquisa tomou como base as informações relatadas no século XVII para o Nordeste do Brasil através da análise da obra *Historia Naturalis Brasiliae*. Esta pretendeu responder às seguintes perguntas: Quais espécies de Fabaceae foram observadas no século XVII pelos naturalistas da comitiva holandesa no Nordeste do Brasil? Que informações os naturalistas registraram sobre as Fabaceae? O elenco de espécies citadas no passado continua sendo útil para o homem do nordeste brasileiro e de outras regiões? A presente pesquisa foi então desenvolvida a partir das hipóteses: H₀₁. As observações dos naturalistas durante o período do Brasil holandês descrevem um elenco de espécies de Fabaceae que medravam na área percorrida por eles durante sua estadia no Nordeste do Brasil; H₀₂. Os escritos dos naturalistas holandeses apresentam rica informação sobre a denominação popular, a utilidade e a ocorrência das Fabaceae segundo os povos do nordeste do Brasil durante o século XVII; e H₀₃. O mesmo elenco de espécies encontra sua utilidade descrita em pesquisas realizadas na atualidade no nordeste do Brasil e em outras regiões.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Resgatar informações acerca das espécies da família Fabaceae presentes no registro *Historia Naturalis Brasiliae* dos naturalistas Piso e Marcgrave, de 1648, a fim de identificar recursos potenciais da flora brasileira.

2.2 Específicos

- Realizar o checklist das espécies de Fabaceae na fonte primária;
- Resgatar informações de conhecimento, uso, nomes populares, descrição botânica e ocorrência desses recursos vegetais descritos na fonte;
- Identificar as semelhanças e diferenças no conhecimento e uso deste elenco de espécies nos dias atuais em fontes secundárias.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Diversidade e importância das espécies de Fabaceae

A família Fabaceae Lindl. (Leguminosae) é a terceira maior entre as Fanerógamas ficando atrás apenas das Orchidaceae e Asteraceae. Atualmente são reconhecidos 727 gêneros e cerca de 19.325 espécies (LEWIS et al., 2005). Cronquist (1981), em seu sistema de classificação, considerou as Fabaceae como três famílias independentes (Fabaceae, Mimosaceae e Caesalpinaceae). Contudo, a partir de dados moleculares e não-moleculares passou a se considerar que a família botânica Fabaceae seria dividida em três subfamílias: Mimosoideae, Caesalpinioideae e Papilionoideae (Faboideae). A subfamília Faboideae seria a maior, com 476 gêneros e aproximadamente 14.000 espécies (LEWIS et al., 2005); seguida da Caesalpinioideae, com 170 gêneros e cerca de 3.000 espécies (DOYLE et al., 2000) e Mimosoideae, que seria formada por 77 gêneros e aproximadamente 3.000 espécies (LUCKOW, 2003)

Em estudos mais recentes, baseados em análises morfológicas, moleculares e filogenéticas, é sustentada a hipótese de que Fabaceae é monofilética, levando-se a um consenso no seu tratamento como uma única família (DOYLE et al., 2000; KAJITA et al., 2001; WOJCIECHOWSKI et al., 2004; LEWIS et al., 2005).

No Brasil, as Fabaceae são representadas por um grupo de 2.822 espécies englobadas em 222 gêneros (Fabaceae in Flora do Brasil 2020 em construção, 2017). Os gêneros representativos, também no Brasil, são: *Acacia* Mill., *Aeschynomene* L., *Arachis* L., *Crotalaria* L., *Dalbergia* L.f., *Desmodium* Desv., *Glicyne* Willd., *Indigofera* L., *Inga* Mill., *Lupinus* L., *Melilotus* Mill., *Mimosa* L., *Phaseolus* L., *Pisum* L., *Thephrosia* Pers., *Trifolium* L., *Vicia* L., *Vigna* Savi., e *Wisteria* Nutt. (RIBEIRO et al., 1999; JUDD et al., 2008; SOUZA; LORENZI, 2008).

A família distribui-se nas regiões tropicais, estando presente em menor número nas regiões temperadas de todos os continentes (POLHILL; RAVEN, 1981; POLHILL; VIDAL, 1981; TAKHTAJAN, 1986; LEWIS 1987; POLHILL, 1994). No Brasil, ocorre em domínios fitogeográficos como Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, e sua distribuição geográfica está confirmada para todas as regiões do território brasileiro (Fabaceae in Flora do Brasil 2020 em construção, 2017).

Do ponto de vista ecológico, de acordo com Lewis (1987), as Fabaceae constam do elemento principal de diferentes formações vegetais, desde os picos das serras montanhosas até o litoral arenoso, e da floresta úmida tropical até desertos, havendo até espécies aquáticas.

A maioria das espécies são bem adaptadas à primeira colonização e exploração de ambientes abertos e perturbados, devido, em parte, às suas associações ou com ectomicorrizas ou com bactérias fixadoras de nitrogênio, do gênero *Rhizobium*, que são capazes de converter nitrogênio atmosférico em amônia, sendo tais leguminosas extremamente valiosas como fornecedoras de adubos naturais (LEWIS, 1987; SPRENT, 2001).

Fabaceae constitui uma das famílias botânicas de maior importância econômica. Há muitas de suas espécies úteis e inúmeras delas são cultivadas desde a antiguidade devido principalmente ao seu potencial alimentício e medicinal, além de outras utilidades como: forrageira, melífera, ornamental, madeireira, como fornecedoras de celulose, óleos, adubo verde, carvão, lenha, resinas, tintas, vernizes e cortiça (MIOTTO; LÜDTKE; OLIVEIRA, 2008; MARTINS, 2009; SOUZA; SOUZA, 2011). Na caatinga, por exemplo, são fundamentais para o sustento das famílias sertanejas que as consomem e comercializam incrementando a renda familiar (QUEIROZ, 2009).

O potencial alimentar de algumas espécies como exemplo *Phaseolus vulgaris* L. (feijão) e *Arachis hypogaea* L. (amendoim) é a chave da segurança nutricional de grandes grupos populacionais, em especial os mais pobres, sendo a principal fonte de proteína em muitos países em desenvolvimento (ALONSO, 2010). Seu baixo conteúdo lipídico e o tipo de fibra que apresentam aliados à sua plasticidade ecológica fazem das Fabaceae uma ótima opção de alimento tanto para o consumo humano, quanto para pastagem de animais (ALONSO, 2010).

Quanto a importância agrônômica, a família é superada apenas pelas gramíneas (Poaceae) (QUEIROZ, 2009). E, de acordo com Lewis (1987), são as leguminosas que possuem maior potencial para a produção da proteína vegetal, a qual deverá ser consumida em quantidades cada vez maiores, no futuro próximo, pela população mundial.

Tem-se também a utilização de espécies da família botânica Fabaceae no tratamento de doenças devido às propriedades curativas e terapêuticas. Algumas das espécies são utilizadas na farmacologia, bem como, na medicina popular. Loiola et al. (2010) destacam o uso de Fabaceae como recurso medicinal em várias comunidades rurais da caatinga nordestina, mencionando a utilização dessas plantas em rituais religiosos além de enfatizarem a influência desse grupo de plantas na cultura sertaneja.

Se tratando da conservação das espécies no país, apenas 21 espécies de Fabaceae constam na Lista Nacional de Espécies da Flora Brasileiras Ameaçadas de Extinção (BRASIL, 2008). Resultado este satisfatório no que diz respeito ao índice de conservação destas espécies no país.

3.2 Etnobotânica e Etnobotânica histórica

A Etnobiologia é um campo de conhecimento interdisciplinar, o qual foi definido por Clément (1998, p.161) como sendo o “estudo das ciências biológicas tal como são praticadas pelos diversos grupos humanos estudados pela etnologia”. Dentro das várias áreas de estudo da Etnobiologia, encontra-se a Etnobotânica, que tem o intuito de estudar, retratar e investigar a relação homem-plantas. Segundo Ford (1978), a Etnobotânica tem sido definida como “o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas” em sistemas dinâmicos (ALCORN, 1995).

Franco et al. (2011) afirmam que uma importante subárea da Botânica, a Etnobotânica, tem ganhado destaque no meio científico devido à grande conexão que se estabelece entre conhecimento popular e ciência ocidental.

Para Albuquerque e Lucena (2004), a Etnobotânica não possui uma estrutura conceitual estabelecida que defina seus métodos, entretanto, ela se sustenta em conceitos antropológicos, botânicos e ecológicos.

Entre as motivações principais do trabalho etnobotânico incluem-se os temas sobre a origem das plantas cultivadas, a história da domesticação, as plantas medicinais e, sobretudo, a busca por novas plantas úteis (LAGOS-WITTE, 2000).

A Etnobotânica pode servir como auxílio na identificação de práticas adequadas ao manejo da vegetação. Além do mais, a valorização e a vivência das sociedades humanas locais pode embasar estudos sobre o uso adequado da biodiversidade, incentivando, não apenas o levantamento das espécies, como contribuindo para sua conservação (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004).

A pesquisa Etnobotânica cresceu visivelmente na última década em muitas partes do mundo, em especial na América Latina e, particularmente, em países como o México, a Colômbia e o Brasil (HAMILTON et al., 2003).

No Brasil, por sua vez, diversos estudos etnobotânicos vêm sendo desenvolvidos buscando conhecer a medicina indígena e quilombola e a forma de organização desses conhecimentos. No entanto, tem-se observado que há poucas referências etnobotânicas para os povos indígenas do Brasil, que apesar de ser um país com uma grande diversidade cultural e biológica, estudos de natureza etnobotânica ainda não são representativos, quando comparados com estudos relacionados a outras áreas (ALBUQUERQUE, 2000).

A aplicação da Etnobotânica dentro de uma dinâmica própria em que se desenvolve a relação pessoas/plantas possui ainda uma multiplicidade de questões e níveis interativos que a

circundam, indo além da descrição ou qualificação de uma planta e a devolução desse conhecimento as comunidades, como nos trabalhos de Rodrigues (2001), Coutinho et al. (2002) e Morais et al. (2005).

Essa complexidade decorre da própria natureza da relação do homem com a natureza, ou somente do homem com as plantas, no caso da Etnobotânica, que é caracterizada por ser muito complexa e que ao longo dos tempos foi se alternando entre dominar e proteger a natureza (as plantas). Além disso, integra essa complexidade a existência de visões diferenciadas sobre tal relação, de acordo com as variadas culturas (AMOROZO, 2007).

Dentro da pesquisa etnobotânica há um favorecimento da relação do homem com a vasta diversidade vegetal, que por sua vez, contribui de forma significativa nas enfermidades humanas, nos rituais religiosos e até mesmo em padrões de alimentação (FRANCO et al., 2011).

Nesta mesma perspectiva Nascimento (2008) afirma que a população humana tem se relacionado intimamente com o cultivo de plantas desde as suas primeiras organizações sociais, quando os quintais passaram a ser uma estratégia de cultivo do seu próprio alimento e remédios. O uso popular de plantas é uma arte muito antiga fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente através de sucessivas gerações.

Como decorrência deste fluxo de saberes e práticas de cognições diferenciadas a respeito do uso das plantas, há a disponibilização de informações fundamentais, por exemplo, ao desenvolvimento de medicamentos, à conservação da biodiversidade e à valorização cultural de diferentes regiões geográficas.

Outra forma pela qual estas informações são perpetuadas entre as populações humanas é através das evidências escritas, que se constituem em importantes fontes de pesquisa sobre os mais variados aspectos decorrentes da relação entre as pessoas e as plantas na história passada (MEDEIROS, 2009).

Dentre as linhas de pesquisa em Etnobotânica – qualitativa, quantitativa e histórica –, também reconhecidas por Albuquerque (1997), a Etnobotânica histórica trabalha com o fato de que as inter-relações homem – planta são determinadas por condições ecológicas e culturais, fatores que são dinâmicos e que sofreram modificações em qualidade e quantidade ao longo do tempo (MEDEIROS, 2007, 2009).

Nesta linha histórica, a Etnobotânica fundamenta sua pesquisa a partir da análise de fontes primárias produzidas e conservadas até os dias de hoje, como por exemplo, textos deixados por cronistas, literatos e naturalistas (COTTON, 1996; MEDEIROS, 2007).

De acordo com Medeiros (2009), questões referentes ao tema Etnobotânica histórica devem ser aprofundadas em debates e/ou enfrentadas como questões de pesquisa importantes para a comunidade acadêmica, que deve assumi-las como problemática científica.

Neste aspecto, alguns autores têm trabalhado sob esta perspectiva e vêm contribuindo para a disponibilização de informações do passado e para uma análise atual e projeção futura sobre o que se vivencia nas práticas de uso dos recursos vegetais (ALBUQUERQUE, 1997; ALMEIDA et al., 2008; BRANDÃO et al., 2008; GIORGETTI et al., 2007; LUCZAJ, 2008; MUSEO DE ETNOBOTÂNICA DE CÓRDOBA 2007; NASCIMENTO; CARVALHO, 2006; PARDO-DE-SANTAYANA, 2006; POLLIO, 2008).

3.3 Sobre a fonte primária – *Historia Naturalis Brasiliae*

Historia Naturalis Brasiliae (1648) – em português *História Natural do Brasil* – é uma dentre as obras produzidas pelo encontro dos humanistas do Renascimento com a diversidade do Novo Mundo. Volume *in-folio* contendo pouco mais de 400 páginas, a obra inclui uma primeira parte, sobre medicina tropical, de autoria do médico holandês Guilherme Piso (1610-1678), e uma segunda, sobre botânica, zoologia, além de comentários astronômicos, geográficos e etnográficos de autoria do naturalista alemão George Marcgrave (1610-1644) (FRANÇOZO, 2010).

A obra está diretamente ligada ao período do “Brasil Holandês”, em que a Companhia das Índias Ocidentais dos Países Baixos conquistou e governou parte da costa nordeste da América Portuguesa, entre 1630 e 1654, controlando o comércio do açúcar, principal produto da economia colonial (FRANÇOZO, 2010). Com o tratamento científico fornecido pela pesquisa em Etnobotânica histórica, a obra *Historia Naturalis Brasiliae*, de Piso e Marcgrave (1648), pode ser tomada como fonte de investigação científica sobre o uso da biodiversidade na época do Brasil Holandês.

Historia Naturalis Brasiliae é fruto do trabalho dos dois estudiosos já mencionados, quais sejam, do médico naturalista e comandante da missão científica de estudos da natureza no Brasil, Guilherme Piso (1611-1678), nascido em Leyden, Holanda, e do geógrafo, cartógrafo, astrônomo, matemático e naturalista George Marcgrave (1610-c. 1644), nascido em Liebstad, Saxônia, que coletou plantas e animais no nordeste do Brasil (FRANÇOZO, 2009).

A edição da obra foi financiada pelo conde Johann Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679), tendo sido publicada após o falecimento de Marcgrave, que morreu em missão na

Angola, por volta de 1644. Segundo Peter Whitehead, Marcgrave teria confiado a Nassau os seus manuscritos sobre o Brasil antes de partir para a África; além disso, quando faleceu, deixou um baú contendo “um livro; um dicionário de árabe; um herbário; vários manuscritos – dos quais dois em português; desenhos e manuscritos de história natural; manuscritos astronômicos; espécies animais, incluindo dois cavalos marinhos; sementes, frutas e raízes secas e insetos” (WHITEHEAD 1979). Estes elementos foram distribuídos entre a Universidade de Leiden e Johannes de Laet (FRANÇOZO, 2010). Segundo a mesma autora foi justamente Johannes de Laet responsável pela edição/organização da *História Natural do Brasil*. Tendo recebido de Nassau os manuscritos brasileiros e os manuscritos que estavam no baú de Marcgrave, Laet compôs a obra a partir destas anotações bem como daquelas deixadas por Guilherme Piso.

4 METODOLOGIA

4.1 Leitura e interpretação dos registros nas fontes primária e secundárias

O levantamento de informações históricas sobre espécies da família Fabaceae que ocorrem na região nordeste do Brasil se deu a partir da leitura e interpretação dos registros contidos na obra *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648). A região nordeste foi onde se concentrou as observações dos estudiosos, devido ser a área mais percorreram por eles. Para o estabelecimento do trabalho foram escolhidas duas obras decorrentes da original: a versão traduzida para a língua portuguesa da obra citada, publicada em dois volumes pela Companhia Editora Nacional, sendo o primeiro destinado aos escritos de Marcgrave, publicado em 1942, e o segundo aos de Piso, em 1948; e a segunda fonte, o trabalho de revisão realizado por Pickel (2008).

Para a contextualização dos dados obtidos com a sistematização das informações contidas na obra foi consultado material bibliográfico referente à família botânica em destaque e as espécies mencionadas na fonte primária. As consultas foram feitas nos acervos das Bibliotecas do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Adicionalmente foram consultadas as seguintes bases de dados: Herbário Virtual A. de Saint-Hilaire (<http://hvsh.cria.org.br/>), Flora Brasiliensis (<http://florabrasiliensis.cria.org.br/>), Tropicos.org Missouri Botanical Garden (<http://tropicos.org/>) e Lista da Flora do Brasil (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>). A seleção de artigos foi determinada pelas seguintes palavras-chave: “Fabaceae”, “distribuição geográfica”, “habitat”, “ocorrência”, “uso”, “utilidade” e “conhecimento”. As espécies mencionadas na fonte primária também foram incluídas como palavras-chave. A conjugação entre as palavras-chave foi feita pelo conector AND. O critério de seleção adotado excluiu os trabalhos publicados não indexados.

4.2 Sistematização das informações

A partir da leitura do conjunto que comporta a fonte primária do presente trabalho, as informações levantadas integraram uma base de dados, organizada no programa Microsoft Excel®. Nesta foram incluídos os dados referentes a espécies, nomes populares, local de ocorrência, características botânicas, indicação de utilidade e demais observações feitas pelos naturalistas. As espécies citadas como medicinal foram categorizadas de acordo com as

categorias da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996).

Os nomes científicos mencionados foram atualizados através de consultas às bases de dados do Tropicos.org Missouri Botanical Garden (2016), do The International Plant Names Index – IPNI (2016), da Lista da Flora do Brasil do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (2016) e de literatura especializada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise documental da obra *Historia Naturalis Brasiliae* (1648) apontou para um número total de 51 espécies de Fabaceae, distribuídas em 39 identificados, com 49 espécies 2 gêneros. Dentre eles os gêneros *Cassia* e *Inga* se destacaram com o maior número de espécies representantes (quatro espécies cada) (Tabela 1).

Tabela 1. Listagem das espécies de Fabaceae citadas na obra *Historia Naturalis do Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648), incluindo informações de nome popular, hábito da planta e registro dos naturalistas na obra descrevendo a sua utilidade e parte da planta usada e o que se tem em trabalhos atuais sobre a utilidade das espécies.

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Abarema cochliocarpos</i> (Gomes) Barneby & J.W. Grimes	Avaremotemo, Brincos de Sahoim	Árvore	A casca que tem gosto amargo, reduzida a pó ou cozinhada, é aplicada como calmante e no tratamento das úlceras antigas e incuráveis, no que tem produzido bons efeitos. De tempo em tempo tem curado até o próprio Câncer, devido as suas qualidades abstergentes e secantes. Sendo um adstringente efficacíssimo é usada em banhos para tonificar o corpo mole	-	-	-
<i>Andira Fraxinifolia</i> Benth.	Angelim doce	Árvore	O fruto se emprega triturado e reduzido a pó. Deve ser usado com precaução não tomando mais do que metade de um escrópulo para matar as lombrigas; ele conta que observou a morte de crianças devido às doses excessivas deste antelmintico e por isso, insiste em recomendar que não se exceda a dose supra	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Apuleia ferrea</i> (Mart.) Baill.	Pau ferro, Jucá	Árvore	-	Casca	Chá	Para anemia, ferimentos e como anti-inflamatório; atividade comprovada para tosse, bronquite e coqueluche, e como anti-inflamatório e imunoestimulante (ARAÚJO et al., 2015)
<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	Erva	As amêndoas piladas e aplicadas em forma de cataplasma nas feridas causadas pelas mordeduras das cobras mitigam as dores. Espreme-se delas também um azeite muito claro, de gosto agradável, usado para os mesmos fins que o óleo de amêndoas	-	-	Fraqueza, impotência, frigidez (MATOS, 1999)

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	Árvore	A casca tem gosto amargo e adstringente, é quente e seca em 2º grau. Dela se fazem banhos quentes e cozimentos muito eficazes nas doenças causadas pelo frio e contra as inchações dos pés e do ventre e também contra dores dos membros. É empregada em uso externo e interno na cura da Lues venérea não inveterada. Provoca suores. Devido à propriedade de alimpar e a uma certa acrimônia que possui é um remédio contra a sarna, a tinha e outras afecções cutâneas desse gênero. Piso chegou a usar esse simples nos catarros, na hidropisia, nas feridas e no combate da impigem	Sementes	-	Usada nos casos de diabetes crônicas, como antifebrifugas e depurativas (CARLOS, 1988); contra o reumatismo (MATOS, 1999); nos casos de inflamação (CORDEIRO; FÉLIX, 2014)
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau brasil	Árvore	Madeira conhecidíssima em todo o mundo. O lenho é medicinal. É frio e seco, mitiga as febres, tem poder adstringente e tonificante, ótimo colírio nas oftalmias	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Guandú	Arbusto	Laxantes	-/ Sementes	-/ Chá	Infecção do útero (PILLA et al., 2006)/ Para derrame; atividade comprovada para febre, tosse, úlcera e como anti-hemorrágica (ARAÚJO et al., 2015)
<i>Canavalia ensiformis</i> (L.) DC.	Feijão de porco	Arbusto	Além de comestíveis, é medicinal, as favas torradas contusas e ministradas dentro de um ovo, estão sendo usadas contra os fluxos do ventre. Cozinhadas e aplicadas ao ventre em forma de cataplasma, curam as cólicas doloridas e, amadurecem os apostemas se foram colocadas sobre a parte afetada	-	-	-
<i>Cassia grandis</i> L. f.	Canafistula	Árvore	Tem qualidades adstringente. A substância glutinosa da vagem é laxativa, as folhas novas são usadas no tratamento das feridas e pústulas que não querem sarar	-	-	Problemas da pele (MACEDO; FERREIRA, 2004)

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Cassia hoffmannseggii</i> Mart. ex Benth.	Lavaprato, Pau fava	Arbusto	Usadas constantemente no tratamento das feridas e úlceras	-	-	-
<i>Cassia occidentalis</i> L.	Mangerioba	-	Entram nos remédios contra inflamações, especialmente das pernas. Além disto, são refrigerantes e desobstruentes, pois, a água em que maceraram flores e folhas, bebidas frequentemente, aumenta as urinas e mitiga as dores dos rins e da bexiga. Esta água, porém, obtida por destilação, segundo Marcgrave, dissolve os cálculos da bexiga. Segundo Marcgrave a raiz é um contraveneno e as sementes aplicadas com vinagre, curam a impigem	Sementes/ Raízes/ Folhas	Torrada/ Decocção; Infusão; Macerado/ <i>In natura</i> ; Infusão/	Sucedâneo do "Quinino" nos casos de febre intermitente e impaludismo/ Como antelmíntico; para dores de barriga, gripes, febre, infecções gerais, distúrbios hepáticos e estômago e como diurético; como diurético e contra infecções gerais/ Para anemias, doenças do fígado e baço; em locais com coceira e micoses; contra malária (DI STASI et al., 2002; HOEHNE, 1934-38)

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Cassia tora</i> L.	Matapasto	Erva	Servem para combater o "bicho del culo" cura também ferida dos cavalos, as folhas são aplicadas no tratamento de úlceras. Os veterinários afirmam não haver remédio melhor para o penso das feridas dos cavalos do que esta erva	-	-	-
<i>Chamaecrista browniana</i> Britt. & Rose	-	Erva	-	-	-	-
<i>Chloroleucon vinhatico</i> (Record) Record	Vinhático	Árvore	-	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Copaifera</i> sp.	Copaiba, Pau d'óleo	Árvore	O óleo é usado pelos índios para ungir o corpo e protege-lo contra a picada dos maruins. O óleo é cicatrizante, sendo aplicado e quente mediante algodão sobre a ferida de arma branca. O óleo estanca e faz cicatrizar a ferida em pouco tempo. Combate também a disenteria e outros fluxos do ventre. Curar feridas, fortifica o estômago, cessar as cólicas, acalma os nervos e curar a espelina. Os judeus usavam o óleo na circuncisão	-/ Folhas/ Raízes	-/ Decocção; <i>In natura</i> (sumo)/ Infusão; Macerado	Para curar feridas de guerreiros após batalhas e para passar no coto umbilical de recém-nascidos (FRANCISCO, 2005; MACIEL et al., 2002)/ Contra malária, gripe (ALONSO, 2011; DI STASI et al., 2002), golpe, gastrites, inflamação, dor de garganta, derrame (VÁSQUEZ et al., 2014), anemias, doenças do fígado e baço; topicamente em locais com coceira e micoses/ Contra dores de barriga, gripes, febre, infecções gerais, distúrbios hepáticos e do estômago e como diurético; como diurético e contra infecções gerais (DI STASI et al., 2002)

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Crotalaria stipularia</i> Desv.	-	Subarbuto	-	-	-	-
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	Cavúna	Árvore	Fluxo dos ventres	Folhas	-	Feridas (FENNER et al., 2006)
<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	Pau ferro, Itú	Árvore	-	Haste ou entrecasca	Sumo	Antisséptica, anti-infecciosa, e em feridas (FENNER et al., 2006)
<i>Dioclea marginata</i> Benth.	Mucunã, Corôa de frade	Ervilha	Este medicamentoso alimento, feito com Tapioca é que costumam preferir a todos os outros antídotos. Sendo a parte interna acre e mordente, põe em revolução de tal maneira os intestinos e o corpo, que provoca vômitos violentos e diarreia, neste caso este medicamentoso alimento, feito com Tapioca é que costumam preferir a todos os outros antídotos	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Dolichos lablab</i> L.	Fava mangetout, fava de cavalo	-	Possuem excelentes vagens que se comem verdes, inteiras, depois de cozidas e preparadas como salada. São um remédio para as moléstias do peito	-	-	-
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungú	Árvore	A madeira não tem uso a não ser para rolhas, por ser leve, porosa e fácil de trabalhar	-	-	Contra nervosismo, inflamação e como antidepressivo (CORDEIRO; FÉLIX, 2014); contém elevado teor de alcaloides e seu uso deve ser feito com muita cautela; patente foi registrada para produto para uso como antitumoral e anti-infeccioso (LIPTON, 2005)
<i>Geoffraca spinosa</i> Jacq.	Marizeiro, Umari	Árvore	Comido em estado cru ofende o estômago e provoca facilmente o vômito; por isto, costumam cozer o fruto todo e tritura-lo junto com os caroços no pilão, e comer (a massa) em vez de pão ou farinha nas iguarias de carne ou peixe	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Geoffroea superba</i> Bonpl.	Mari, Mari-Mari, Marizeiro	-	São refrigerantes, mitigando o calor do estômago e são apetecidos pelos doentes de febre	-	-	-
<i>Guilandina bonducella</i> L.	Carnica, Cadorna, Carnicula	"Cresce à altura da roseira"	A raiz é quente no 3ª grau e tem gosto amargo. A resina da raiz na quantidade de um punhado mais ou menos é vomitiva e um contraveneno tóxico de Schrankia. As sementes servem como senhas nas tarefas dos trabalhadores, no interior	-	-	-
<i>Hymenaea martiana</i> Hayne	Jatobá	Árvore	Contêm uma farinha branca e comestível. Quebradas com força saem amêndoas moles, oblongas e vermelho-escuras, muito aromáticas e de sabor excelente, em nada inferiores as amêndoas europeias. A resina é quente e seca no 2º grau. Usada em fumigações combate as cefalalgias que chamam "chabequos" (enxaqueca) e contra dores do corpo originadas pelos resfriamentos. Piso usou a resina também com proveito nas partes musculosas aplicando-a em forma de emplasto ou unguento. Afirmam também que as folhas contusas são lumbricidas.	-	-	Japoneses patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças autoimunes e contra a hipertrofia da próstata; planta brasileira que vem sofrendo ações de biopirataria (KUTITA et al., 2007)

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
			As raspas da entrecasca picadas com água e aplicadas em compressas combatem as ventosidades do estômago e tomada internamente é laxativa			
<i>Indigofera microcarpa</i> Desv.	Anileira	-	Desta planta se pode extrair o colorante anil	-	-	-
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anileira verdadeira	Erva	-	-	-	Corante – Panos de algodão e lã são tingidos com (BRANDÃO, 2015)
<i>Inga ciliata</i> C. Presl	Ingá da mata	Árvore	-	-	-	-
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá-cipó	Árvore	-	-	-	-
<i>Inga ingoides</i> Willd.	Ingá-i	Árvore	-	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Inga spuria</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Ingá, Ingazeira	Árvore	Fresca ao tato e de sabor doce agradabilíssimo e que se separa uma da outra espontaneamente em número igual ao das sementes com dentes e se come. Não se come absolutamente a semente que é de cor olivácea, oblonga e divisível ao longo de duas partes. O fruto é comestível e tem gosto bom	-	-	-
<i>Meibomia cana</i> S.F. Blake	Amores, Carrapixo	-	A raiz é quente em 2º grau e usada em infusão nas diarreias. As fumigações feitas com folhas e aplicadas à cabeça envolvida em panos curam, segundo os indígenas, as dores de cabeça provenientes do resfriamento e do catarro	-	-	-
<i>Mimosa invisa</i> Mart. ex Colla	Malícia de mulher	Erva	-	-	-	-
<i>Mimosa pigra</i> L.	Caaeo, Erva viva, Silva d'agoa	Erva	-	-	-	-
<i>Mimosa sensitiva</i> L.	Malícia de boi	-	A raiz é medicinal	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Mucuna urens</i> (L.) Medik	Mucunã	-	-	-	-	-
<i>Myroxylon balsamum</i> (L.) Harms	Cabraiba, Cabreuva	"Altas e copadas"	É quente e seco em 2º grau, é dissolvente, péptico e tônico. Algumas gotas tomadas em jejum são úteis na asma, corrige também a indigestão e certas doenças crônicas intestinais; outrossim, aplicado a quente no peito nos hipocôndrios tira as opilações e os resfriamentos. Levando ou friccionando com ele a cabeça e o pescoço mediante um pano vermelho, fortalece o cérebro e preserva da paralisia e das câimbras. Foi usada também na "espinela", na diarreia e contra as picadas de maruim. Além disto, os portugueses e Brasileiros afirmaram ter singular virtude no tratamento das feridas e mordeduras dos animais venenosos	Óleo resina	In natura	Antisséptico das vias urinárias (FENNER et al., 2006)
<i>Pachyrhizus erosus</i> (L.) Urb.	Letiopé	-	Acalmar a tosse	-	-	-
<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Visgueiro	Árvore	-	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Cumanda-miri	Arbusto	-	-	-	-
<i>Pithecolobium foliolosum</i> Benth.	Jurema branca	Árvore	-	-	-	-
<i>Plathymenia foliolosa</i> Benth.	Amarelo, vinhático	Árvore	A madeira é muito estimada para obras expostas ao tempo e para obras hidráulicas	-	-	-
<i>Samanea saman</i> (Jacq.) Merr	Bordão de velho	Árvore	A raiz tem as propriedades medicinais seguintes: Descasca-se a raiz, rejeitando a cortiça, corta-se em rodela que se deixam macerar em água ao relento. Este extrato por ser adstringente é um tanto amargo, porém bom para tomar. Pode usar-se também o decocto ou a alcoolatura da raiz. Esse liquido por ser diurético é usado em todas as afecções dos rins e da bexiga, cura gonorreia, colírio na inflamação dos olhos	-	-	-

Tabela 1. Continuação...

Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Schrankia leptocarpa</i> DC.	Malícia de boi, Juqueri carrasco	Erva	As folhas dessas plantas reduzidas a pó e misturadas a comida são mortíferas para os homens, mas fritas em azeite são estípticas. As raízes, felizmente, fornecem o antídoto, caso este remédio for tomado em grande quantidade atuando cumulativamente. As próprias folhas, usadas como emplastro, amadurecem os tumores escrofulosos e os curam, como também os furúnculos	-	-	-
<i>Sophora tomentosa</i> L.	Comandaíba	-	-	-	-	-
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	Trifólio, Alfafa do Nordeste	-	A raiz é calefaciente, encerra partes tênues e cura as viscosidades da bexiga	-	-	-
<i>Swartzia pickelii</i> Killip ex Ducke	Jacarandá	-	Os habitantes fazem dele uma iguaria boa e salubre para o estômago	-	-	-
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindeiro	Árvore	A polpa se chupa durante as febres, por ser refrigerante e agradavelmente ácida. A polpa é usada como purgante branco e no escorbuto. Nas moléstias do fígado é útil pelo seu efeito refrigerante e adstringente	-	-	Intestino preso (MATOS, 1999), diabetes, pressão alta, colesterol (VÁSQUEZ et al. 2014)

Tabela 1. Continuação...

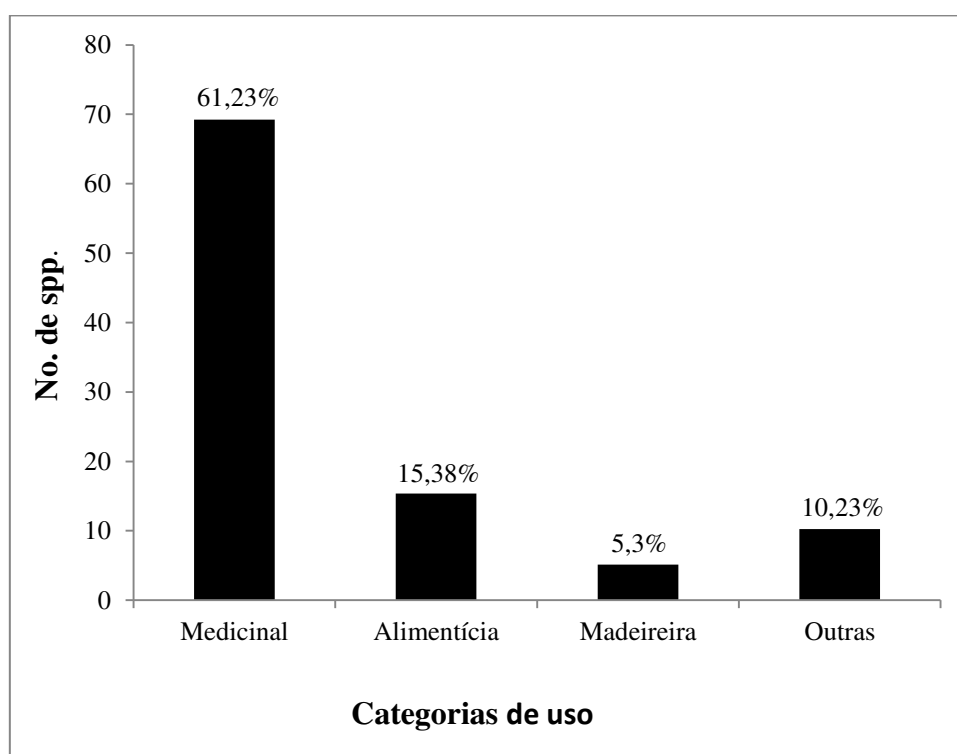
Espécie	Nome popular	Hábito	Registro dos naturalistas	Registro atual		
				PU	MP	U
<i>Voandzeia subterranea</i> L.	Amendoim da Costa	-	Ótimo nutrimento e agradável paladar	-	-	-
<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	Pau santo	Árvore	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Legenda: PU = parte da planta usada; MP = modo de preparo; U = relatos de uso.

Dentre as espécies de Fabaceae citadas na obra, para 35 recursos vegetais foram encontrados relatos de uso passado. Os usos mencionados pelos naturalistas foram categorizados em quatro categorias de uso, sendo a categoria medicinal a que concentrou o maior número de relatos (61,23% do total de citações de uso) (Figura 1). Em relação às espécies cujos usos passados foram categorizados, quatro apresentaram emprego para mais de uma categoria de uso, sendo estas: *Caesalpinia echinata* Lam. (categorias medicinal e madeireira), *Canavalia ensiformis* (L.) DC., *Dolichos lablab* L. e *Hymenaea martiana* Hayne (categorias medicinal e alimentícia).

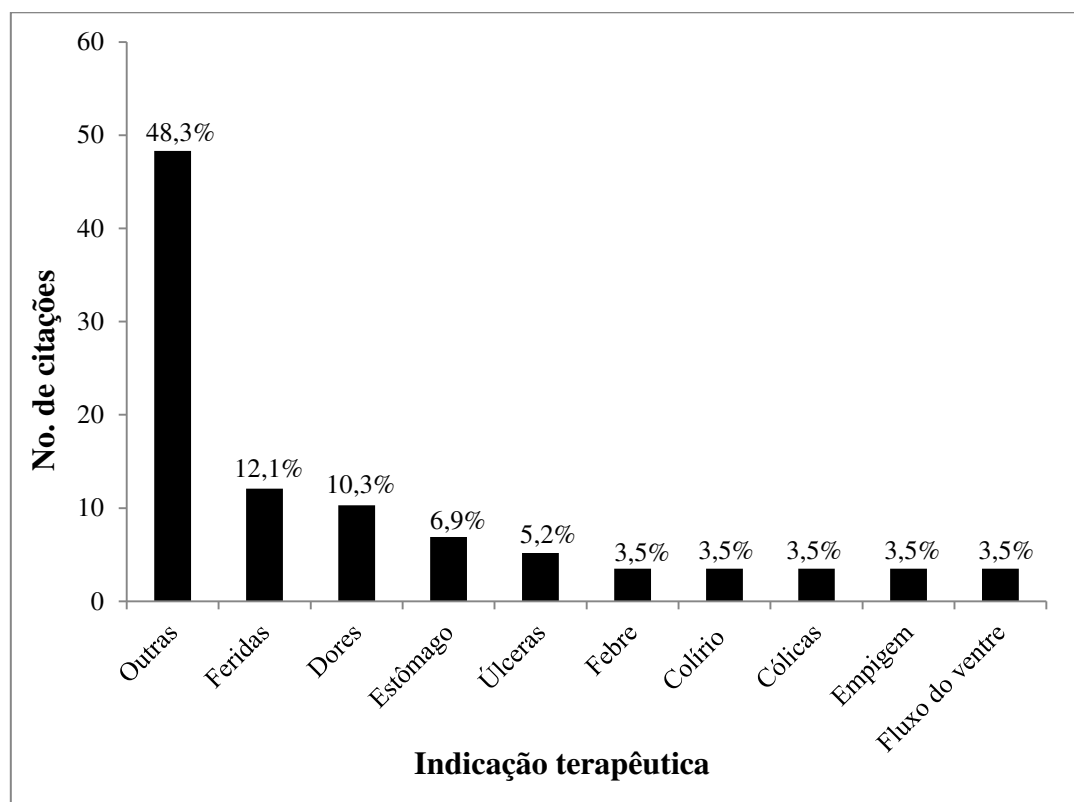
Figura 1. Representatividade em termos percentuais das categorias de utilização de espécies da família Fabaceae mencionadas na obra *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARGRAVE, 1648).



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Considerando a categoria medicinal, o número total de indicações terapêuticas citadas na obra para as espécies de Fabaceae, foram 58 sintomas e doenças, sendo o uso destes recursos vegetais em “feridas” o que concentrou o maior número de menções (12,1% das citações de uso medicinal), seguido do seu emprego em caso de “dores” (10,3%) (Figura 2).

Figura 2. Percentual do número de citações por indicação terapêutica das espécies medicinais de Fabaceae citadas na obra *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648).



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A pesquisa realizada em trabalhos posteriores à obra de Piso e Marcgrave (1648) apontou para um elenco de oito espécies e um táxon identificado em nível genérico que apresentaram uso atual e, conseqüentemente, 18 espécies para as quais não foram encontrados registros contemporâneos de indicações terapêuticas.

Com relação às espécies com registro de uso atual, algumas variações em termos de indicações do uso terapêutico foram observadas. Para um elenco de sete espécies, embora indicadas como medicinais nos dias atuais, estas apresentaram indicações distintas daquelas citadas na obra original. *Arachis hypogaea* L. inclui-se neste padrão de indicação medicinal em que na obra original os naturalistas afirmaram que esta era usada nas feridas causadas pelas mordeduras das cobras e para mitigar as dores, enquanto no trabalho de Matos (1999), o autor afirma a utilização desta espécie para fraqueza, impotência e frigidez. Outra espécie que faz parte desta aplicação medicinal diferenciada é a *Myroxylon balsamum* (L.) Harms. Os naturalistas afirmaram que esta espécie é útil nos casos de asma, de correção da indigestão e em certas doenças crônicas intestinais. Já em trabalho posterior, Fenner et al. (2006) afirmam que a aplicação medicinal da planta seria antisséptico das vias urinárias. Outra espécie é a *Tamarindus*

indica L., para a qual os naturalistas afirmaram o uso desta espécie como pungente branco, nas moléstias do fígado. Já em trabalho posterior, Matos (1999) afirmou o uso para intestino preso. Pode-se ainda citar que para *Bowdichia virgilioides* Kunth, Piso e Marcgrave (1648) afirmaram que o uso desta planta seria nas doenças causadas pelo frio e contra as inchações dos pés e do ventre, e também contra dores dos membros. Nos trabalhos de Matos (1999) e de Cordeiro e Félix (2014), o uso desta espécie se vincula aos casos de reumatismo e inflamações, respectivamente. Outra espécie citada também é *Hymenaea martiana* Hayne, para a qual na obra original tem-se a sua utilização para fumigações e combate as cefalalgias que chamam "chabequos" (enxaqueca), e contra dores do corpo originadas pelo resfriamentos. Os naturalistas ainda afirmaram que Piso usou a resina também com proveito nas partes musculosas, aplicando-a em forma de emplasto ou unguento. Afirmam também que as folhas contusas são lubrificadas e as raspas da entrecasca picadas com água e aplicadas em compressas combatem as ventosidades do estômago e tomada internamente é laxativa. Para esta espécie, em trabalho atual, Kurita et al. (2007) afirmam ser uma planta muito estudada, especialmente pelos japoneses, que patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças auto-imunes e contra a hipertrofia da próstata. Este é um exemplo de planta brasileira que vem sofrendo intensas ações de biopirataria. Outra espécie que apresentou também divergência de uso foi *Cajanus cajan* (L.) Huth, para na qual os naturalistas citam na obra o seu uso como laxante, e, em trabalhos realizados posteriormente à obra de Piso e Marcgrave (1648), esta foi citada para infecção do útero (PILLA et al., 2006).

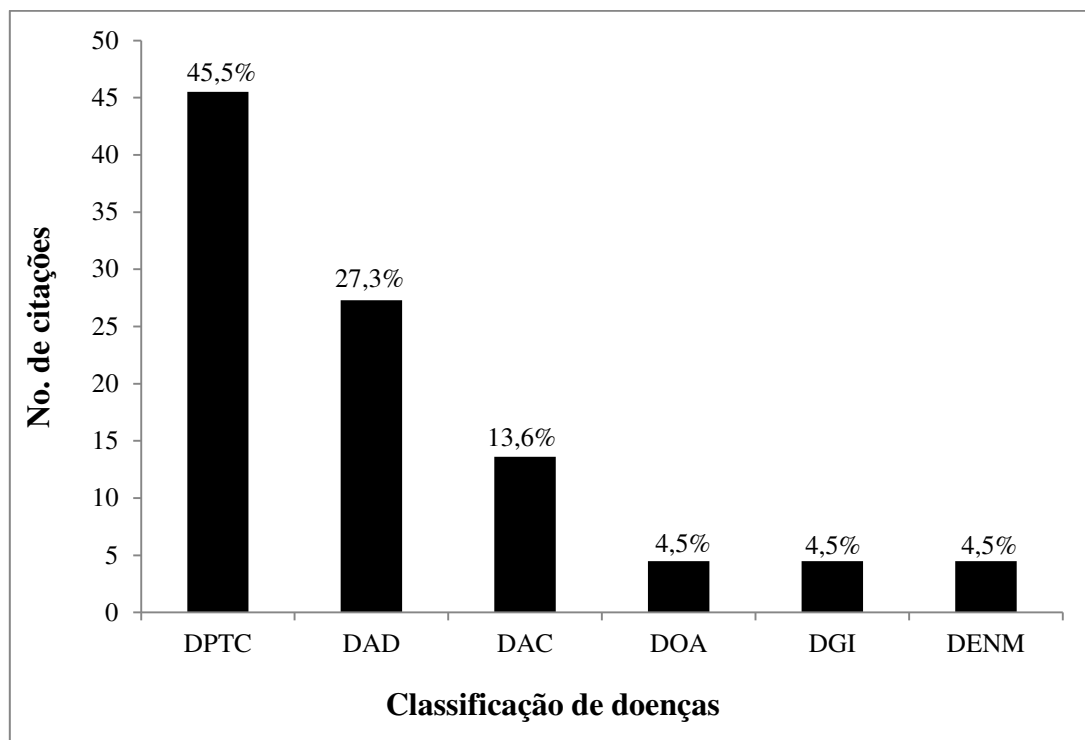
Pode-se observar também que para uma planta identificada em nível genérico e uma em nível específico houve convergência em termos de indicação, bem como na parte da planta utilizada. Em *Cassia grandis* L. f. as folhas, segundo os naturalistas, eram utilizadas no tratamento das feridas e pústulas que não querem sarar. No trabalho de Macedo e Ferreira (2004) as folhas também foram indicadas para problemas da pele. Com relação a *Copaifera* sp., na obra original esta foi indicada na cura de feridas, para fortificar o estômago, cessar as cólicas, acalmar os nervos e curar a espelina, para esta não foi indicado a parte da planta utilizada. Em trabalhos posteriores espécies do gênero também são aplicadas na cura de feridas (FRANCISCO, 2005; MACIEL et al., 2002). Contudo, no trabalho de Alonso (2011), espécie deste gênero foi indicada em casos de malária e gripe, em ambos os trabalhos também não houve indicação quanto à parte da planta utilizada.

Para *Cassia occidentalis* L. obteve-se tanto citação em uso diferenciado quanto convergências em algumas indicações. Piso e Margrave (1648) indicaram uso das folhas desta espécie como remédio contra inflamações, para aumentar urina e mitigar as dores dos rins e da bexiga, enquanto que no trabalho de Hoehne (1934-38) aponta-se para o uso das sementes na febre intermitente e impaludismo, e das raízes como antelmintico. Di Stasi et al. (2002) acrescenta que a planta pode ser empregada no tratamento de anemias e contra doenças do fígado e baço, que é usada em locais com coceira e na cura de micoses, e que também é utilizada contra malária. Os mesmos autores relatam ainda que na região da Mata Atlântica, a infusão das raízes é usada contra dores de barriga, gripes, febre, infecções gerais, distúrbios hepáticos e do estômago e como diurético, enquanto o macerado da raiz em aguardente de cana é usado como diurético e contra infecções gerais. Simões et al. (1986) afirmam que no Rio Grande do Sul, esta também é utilizada contra doenças do fígado, estômago, rins e bexiga.

Duas espécies que também merecem comentário é *Zollernia ilicifolia* Vog. e *Apuleia ferrea* (Mart.) Baill. pois na obra dos naturalistas Piso e Marcgrave (1648) estas não foram indicadas como medicinal, entretanto, em trabalhos posteriores aponta-se seu uso terapêutico. Com relação a *Zollernia ilicifolia* Vog. Di Stasi et al. (2002) dizem que na região do Vale do Ribeira (Estado de São Paulo), a infusão das folhas desta espécie é usada internamente contra úlceras e problemas estomacais, incluindo dores. Para *Apuleia ferrea* (Mart.) Baill. Araújo et al. (2015) trazem o uso da casca da planta em forma de chá para: anemia, ferimentos e antiinflamatório, com atividade comprovada em: tosse, bronquite e coqueluche, antiinflamatório e imunoestimulante.

Com a categorização das espécies que eram utilizadas para fins terapêuticos citadas na obra original de Piso e Marcgrave (1648) de acordo com a atual Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996, obteve-se seis classificações distintas, com destaque para as doenças da pele e do tecido subcutâneo (DPTC), na qual apresentou um total de 45,5% das doenças citadas na obra de referência, seguida das doenças do aparelho digestivo (DAD), com 27,3% (Figura 3).

Figura 3. Percentual de doenças citadas como sendo tratadas pelas plantas medicinais referenciadas na *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648) por categoria de doença do sistema de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996).

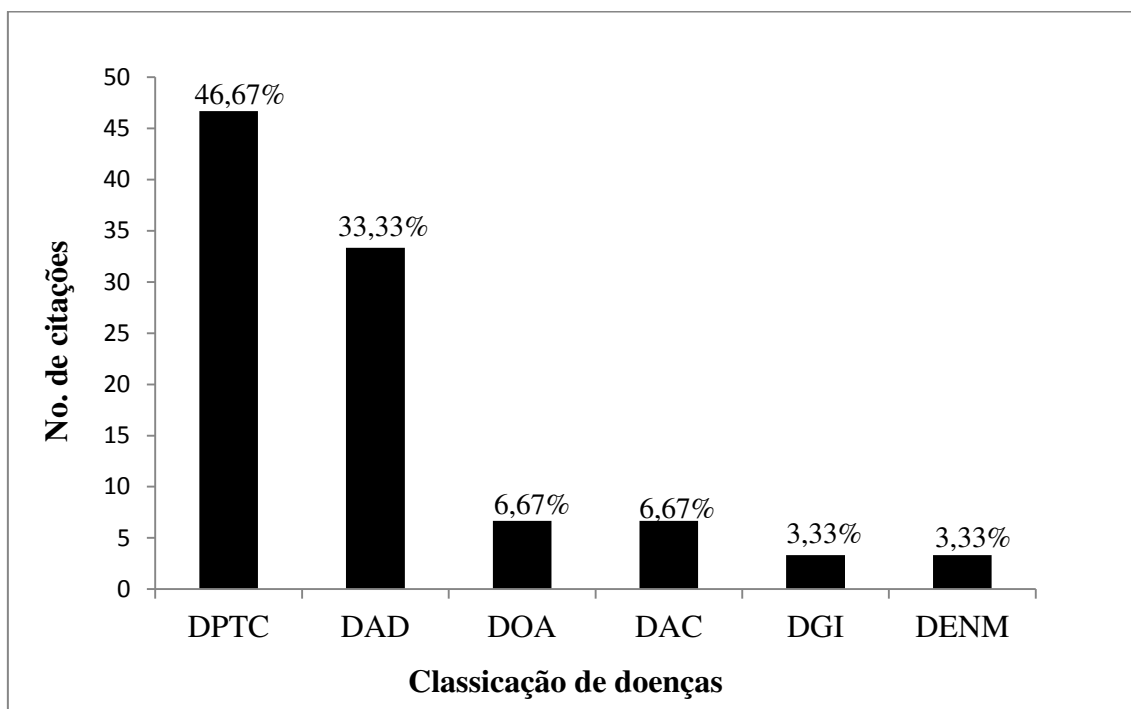


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Legenda: DPTC = Doenças da pele e do tecido subcutâneo; DAD = Doenças do aparelho digestivo; DOA = Doenças do olho e anexos; DAC = Doenças do aparelho circulatório; DGI = Diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível; DENM = Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas.

A análise do número de espécies por categoria de doenças apontou igualmente as categorias doenças da pele e do tecido subcutâneo e doenças do aparelho digestivo como sendo as que concentraram o maior número de espécies que têm citações de doenças relacionadas a estas condições, sendo o percentual de cada categoria de 46,67% e 33,33%, respectivamente (Figura 4). Comparando-se os percentuais recém mencionados com os apresentados para as mesmas categorias de doenças na análise de citações de doenças por categoria percebe-se que houve uma mudança de dados. Esta variação ocorreu em virtude de uma mesma espécie poder indicar mais de uma doença como, por exemplo, no caso de *Cassia hoffmannseggii* Mart. ex Benth. que foi citada para uso no tratamento das feridas e úlceras, e, também, por haver espécies distintas que podem indicar uma mesma doença, como por exemplo, *Canavalia ensiformis* (L.) DC. e *Copaifera* sp. que foram mencionadas para o emprego nas situações de cólicas.

Figura 4. Percentual de espécie de plantas medicinais referenciadas na *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648) por categoria de doenças, do sistema de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10, 1996).

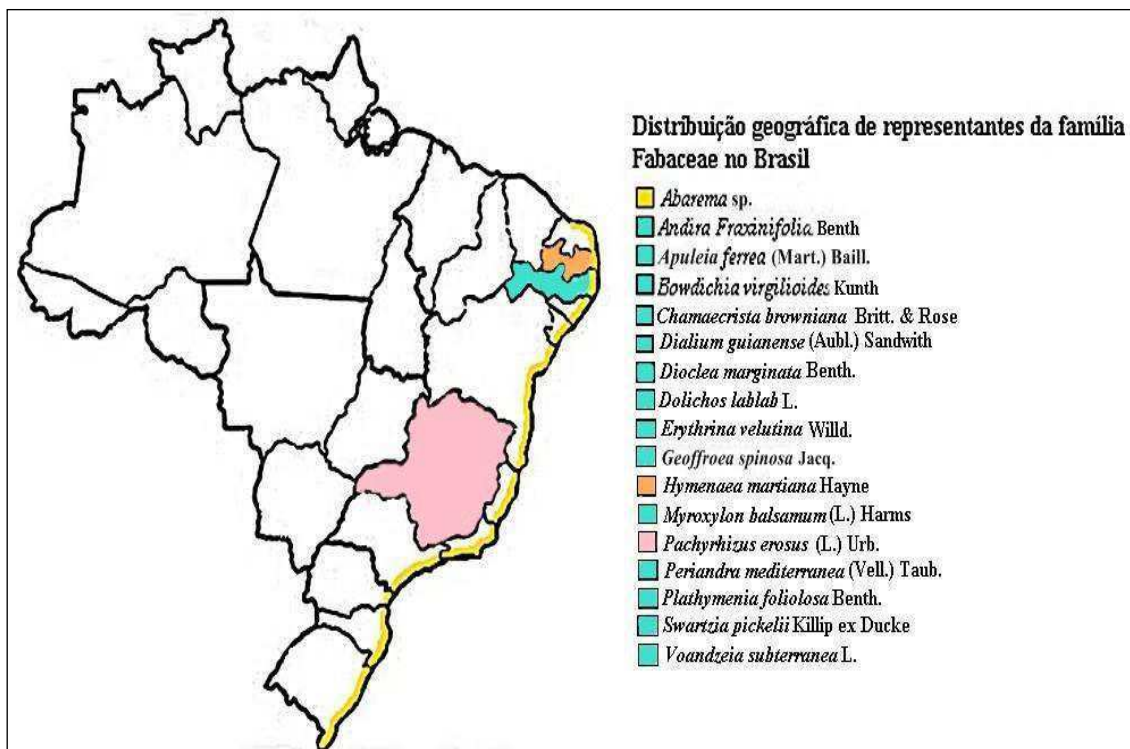


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Legenda: DPTC = Doenças da pele e do tecido subcutâneo; DAD = Doenças do aparelho digestivo; DOA = Doenças do olho e anexos; DAC = Doenças do aparelho circulatório; DGI = Diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível; DENM = Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas.

Dentre o elenco das 49 plantas identificadas em nível de espécie e duas em nível de gênero pertencentes à Fabaceae citadas na obra, para 30 táxons específicos e um táxon genérico os naturalistas mencionaram seu lugar de ocorrência. Para 16 espécies e um gênero que apresentaram clareza nos dados, possibilitando assim a delimitação do seu local, ocorreu um destaque para a região de Pernambuco, apresentando 14 espécies no total (Figura 5).

Figura 5. Espécies de Fabaceae citadas na obra *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648) que apresentaram indicação de ocorrência geográfica.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Para duas espécies, em particular, fez-se uma observação mais detalhada em relação ao seu local de ocorrência, sendo estas *Caesalpinia echinata* Lam. e *Cassia tora* L. (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies de Fabaceae que apresentaram indicação de ocorrência geográfica mais detalhada na obra *Historia Naturalis Brasiliae* (PISO; MARCGRAVE, 1648).

Espécie	Indicação geográfica
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	É frequente em certas regiões da zona da mata, faltando no litoral e nas regiões mais úmidas do Estado
<i>Cassia tora</i> L.	Está planta é muito comum no litoral e na zona da mata do Nordeste

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A observação dos naturalistas para *Caesalpinia echinata* Lam. e *Cassia tora* L. é a de que são espécies com ocorrência frequente no século XVII, embora os mesmos tenham deixado o registro de que havia uma redução populacional na região litorânea da primeira planta citada. Este cenário observado para *Caesalpinia echinata* Lam., uma espécie endêmica do Brasil, coaduna com o dos dias de hoje, sendo esta considerada em perigo de extinção, com registro de ocorrência atual para as regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte) e Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro) (FABACEAE IN FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos neste trabalho pode-se observar uma riqueza de espécies da família botânica Fabaceae mencionadas na obra *Historia Naturalis Brasiliae*, principalmente de plantas medicinais. Os relatos feitos por Piso e Marcgrave (1648) apresentaram denominação popular, dados de utilidade e ocorrência das Fabaceae para as quais através da análise comparativa passado-presente observou-se convergências e divergências em termos de indicação de uso destas espécies, o que pode caracterizar uma mudança ao longo do tempo no conhecimento ou no uso associado à diversidade florística.

As análises apresentadas nesta pesquisa contribuem também para a ampliação do conhecimento sobre as Fabaceae, bem como para o resgate e conhecimento sobre plantas medicinais de séculos passados, a fim de se investigar, revelar e comprovar alguns resultados já relatados na obra *Historia Naturalis Brasiliae*, enriquecendo os estudos na área da botânica e etnobotânica histórica.

O fator preponderante da ocorrência das espécies de Fabaceae citadas na obra, no Estado de Pernambuco, dá-se ao fato das observações dos naturalistas estarem mais concentradas nesta região, devido à influência do holandês Maurício de Nassau que tomara conta da província pernambucana trazendo consigo uma comitiva em que os autores estavam presentes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. A. Etnobotânica no Nordeste Brasileiro. In: CAVALCANTI, T. B. (Org.). **Tópicos atuais em botânica**: Palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: Embrapa, 2000. p. 241-249.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA/Livro Rápido, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 78, n. 3, p. 60-64, 1997.
- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E. ; REIS, S.V. (Eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995. p. 23-39.
- ALMEIDA, A.V. et al. As plantas medicinais referenciadas pelo cirurgião e naturalista pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1773-1842): uma ponte entre o passado e a atualidade. **Sitientibus**, Feira de Santana, Brasil, v. 8, p. 103-112, 2008.
- ALONSO, B. O. et al. Papel de las leguminosas en la alimentación actual. **Actividad Dietética**, Valencia, Espanha, v. 14, n. 2, 2010.
- ALONSO, R. R. P. **Estudo etnofarmacognóstico de plantas medicinais popularmente indicados para tratamento de doenças tropicais em nove comunidades Ribeirinhas do Rio Solimões, no trecho Coari-Manaus-Am**. 2011. 100 f. Tese (Doutorado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2011.
- AMOROZO, M. C. M. Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/MariaA.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.
- BRANDÃO, M. G. L. et al. Useful brazilian plants listed in the field books of the French naturalist August de Saint-Hilaire (1779-1853). **Journal of Ethnopharmacology**, London, v.143, n. 2, p. 488-500, 2012.
- BRANDÃO, M.G.L. et al. Brazilian medicinal plants described by 19th century European naturalists and in the Official Pharmacopoeia. **Journal of Ethnopharmacology**, London, v. 120, n. 2, p. 141-148, 2008.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instrução Normativa n.6 de 23 de setembro de 2008. **Espécies da flora brasileira ameaçada de extinção**. Diário Oficial da União. Edição 185, Seção 1 p. 75-83, 24 de setembro de 2008.
- CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology**, Washington, v. 18, n. 2, p. 161-187, 1998.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Campinas, v.16, n. 3, p. 686-692, 2014.

COTTON, C. M. **Ethnobotany: principles and applications**. Chichester: John Wiley e Sons, 1996.

COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M. do. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizados por comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil: **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 7-12, 2002.

CRONQUIST, A. **An Integrated System of Classification of Flowering Plants**. New York: Columbia University Press, 1981.

DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA, C. A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2002.

DOYLE, J. Towards comprehensive phylogeny of legumes: evidence from rbcL and non- molecular data. In: Herenden PS, Bruneau A(eds). **Advances in Legume Systematics 9**. Royal Botanic Gardens, UK, 2000. p. 1-20.

FABACEAE in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB82704>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

FENNER, R. et al. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 370-394, 2006.

FORD, R.I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: FORD, R.I.; HODGE, M.; MERRIL, W.L. (eds.). **The nature and status of ethnobotany**. Annals of Arnold Arboretum. Michigan: Museum of Anthropology, University of Michigan. **Anthropological Papers**.Arizona, v. 67, p. 33-49,1978.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

FRANCISCO, S. G. Uso do óleo de copaíba (*Copaifera officinalis*) em inflamação ginecológica. **Femina**, Pelotas, v. 33, n. 2, p. 89-93, 2005.

FRANCO, F. et al. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Caderno de Cultura e Ciência**, v. 10, n. 2, p. 17-23, 2011. Disponível em:
<<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/407/pdf>> Acesso em: 14 fev. 2017.

FRANÇOSO, M. C. **De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)**. Campinas: São Paulo,

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: PhD thesis, 2009.

FRANÇOZO, M. Alguns comentários à Historia Naturalis Brasiliae. **Cadernos de Etnolinguística**, Buenos Aires, v. 2, n. 1, p. 1-7, fev. 2010.

GIORGETTI, M.; ROSSI, L.; RODRIGUES, E. Brazilian plants with possible action on the Central Nervous System - a study of historical sources from the 16th to 19th century. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, Porto Alegre, v. 21, n.3, p. 537-555, 2011.

HAMILTON, A. C. et al. **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. Godalming, People and Plants working paper. 11. WWF. 2003.

HOEHNE, F. C. **Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais**. São Paulo: Departamento de Botânica do Estado, 1939.

JUDD, W. S. et al. **Sistemática vegetal: Um enfoque filogenético**. 3.Ed. Porto alegre: Artmed, 2008.

KAJITA, T. et al. "rbcL and legume phylogeny, with particular reference to Phaseoleae, Millettieae, and allies". **Systematic Botany**, Washington, v. 26, p. 515–536, 2001.

KURY, L.; SÁ, M. R. Flora brasileira, um percurso histórico. In: MARTINS, A.C.I. **Flora Brasileira. História, Arte & Ciência**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p.18-67.

LAGOS-WITTE, S. **Conceptos teóricos y metodológicos de la Etnobotânica contemporânea**. Material de curso ministrado no Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica). Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro / Flora Medicinal, Rio de Janeiro, 2000.

LEWIS, G. P. **Legumes of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens, 1987.

LEWIS, G. et al. (Eds.). **Legumes of the World**. Kew: Royal Botanic Gardens, 2005.

LOIOLOA, M. I. B. et al. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 23, n. 3, p. 59-70, 2010.

LUCKOW L., A phylogenetic analysis of the Mimosoideae (Leguminosae) based an chloroplast DNA sequence data. In: KLITGAARD, B.B.; BRUNEAU, A. (Eds.). **Advances in Legume Systematics 10, High Level Systematics**. UK: Royal Botanic Gardens, 2003. p. 197- 220.

LUCZAJ, L. Archival data on wild food plants used in Poland in 1948. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** v. 4, p. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.ethnobiomed.com/content/4/1/4>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

- MACEDO, M.; FERREIRA, A. R. Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos, em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 40-44, 2004.
- MACIEL, M. A.; PINTO, A. C.; JUNIOR, V. F. V. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 429-38, 2002.
- MARCGRAVE, G. **História Natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942 [1648].
- MARTINS, M. V. **Leguminosas arbustivas e arbóreas de fragmentos florestais remanescentes no noroeste paulista, Brasil**. 2009.161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas (Botânica)) - Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2009.
- MATOS, F. J. A. **Plantas da medicina popular do Nordeste: propriedades atribuídas e confirmadas**. Fortaleza: EDUFC, 1999.
- MEDEIROS M. F. T.; ANDREATA, R.H.P.; SENNA-VALLE, L. Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Brasília, v. 24, p. 780–789, 2010.
- MEDEIROS, M. F. T. Fontes documentais do século XIX: fundamentos para a pesquisa etnobotânica hodierna. In: BARBOSA, L. M.; SANTOS JÚNIOR, N. A. dos (Orgs.). **A botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais**. São Paulo: Sociedade Botânica do Brasil, 2007. p. 565-568.
- MEDEIROS, M. F.T. **Etnobotânica Histórica: Princípios e Procedimentos**. Recife: NUPEEA, 2009.
- MIOTTO, S.T. S.; LÜDTKE, R.; OLIVEIRA, M. L. A.A. A família Leguminosae no Parque Estadual de Itapuã, Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, 2008.
- MORAIS, S. M. et al. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, n. 2, p. 169-177. 2005.
- MUSEO de Etnobotânica de Córdoba. 2007. Disponível em: <<http://www.uco.es/jardin-botanico/etnobot.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2016.
- NASCIMENTO, D. R. DO; CARVALHO, D. M. (Coords.). II Seminário História das Doenças. **Caderno de resumos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10** Décima revisão. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.
- PARDO-DE-SANTAYANA, M. et al. Plants in the works of Cervantes. **Economic Botany**, New York, v. 60, n. 2, p. 159-181, 2006.

PICKEL, D. B. J. **Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marcgrave: no século XVII**. Recife: EDUFRPE, 2008.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. D. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Brasília, v. 20, p. 789-802, 2006.

PISO, G. [1648]. **História Natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Tradução de José Procópio de Magalhães, 1948.

PISO, W.; MARCGRAVE, G. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Elzevier, 1648. Editado e anotado por Johannes de Laet. Disponível em: <<http://biblio.etnolingustica.org/marcgrave-1648-historia>>. Acesso em: mai. 2015.

POLHILL, R. M. Classification of the Leguminosae. In: BISBY, F. A.; BUCKINGHAM, J.; HARBORNE, J. B. (Eds.). London: **Phytochemical Dictionary of the Leguminosae**, 1994. n. 1, p. 35-54.

POLHILL, R. M.; RAVEN, P. H. (Eds.). **Advances in Legume Systematics**. Part 1, Kew: Royal Botanic Gardens, 1981.

POLHILL, R. M.; VIDAL, J. E. Caesalpinieae In: POLHILL, R. M.; RAVEN, P. H. (Eds.). **Advances in Legume Systematics**, 1. Kew: Royal Botanic Gardens, 1981.

POLLIO, A. et al. Continuity and change in the Mediterranean medical tradition: Ruta spp. (rutaceae). In Hippocratic medicine and present practices. **Journal of Ethnopharmacology**, London, v. 116, n. 3, p. 469-482, 2008.

QUEIROZ, L. P. Leguminosas da Caatinga. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; Kew: Royal Botanic Gardens; Associação Plantas do Nordeste, 2009.

RODRIGUES, E. **Usos rituais de plantas que indicam ações sobre o Sistema Nervoso Central pelos índios Krahô, com ênfase nas psicoativas**. Tese (Doutorado em Psicobiologia) – Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2001.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1986.

SOUZA, N. M.; SOUZA, L. A. G. Levantamento do potencial de aproveitamento das leguminosas no distrito da Barreira do Andirá, Barreirinha, AM. **Enciclopédia Biosfera-Centro Científico Conhecer**, Goiânia, v. 7, n. 12, 2011.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática; guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

SPRENT, J. I. **Nodulation in legumes**. Kew: Royal Botanic Gardens, 2001.

TAKHTAJAN, A. **Floristic regions of the world**. Berkeley: University of California Press, 1986.

THE INTERNATIONAL Plant Names Index – IPNI. Disponível em:
<<http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage.do>> Acesso em: jul. 2016.

TROPICOS.ORG Missouri Botanical Garden. Disponível em:
<<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>>. Acesso em: jul. 2016.

WHITEHEAD, P. “Georg Marcgraf and Brazilian Zoology”. In: BOOGAART, E. (Org.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. Essays on the occasion of the tercentenary of his death*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979. p. 424-471.

WOJCIECHOWSKI, M. F. et al. A phylogeny of legumes (Leguminosae) based on analysis of the plastid matK gene resolves many well-supported sub clades within the family. **American Journal of Botany**, Cidade, n. 91, v. 11, p. 1846–1862, 2004.